



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E  
INSTITUCIONAL

**Memória e histórias na palma da mão: inscrições biográficas numa epistemologia  
feminista antirracista**

ALINE KELLY DA SILVA

PORTO ALEGRE – RS

2023

Aline Kelly da Silva

**Memória e histórias na palma da mão: inscrições biográficas numa epistemologia  
feminista antirracista**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia Social e Institucional.

Orientadora: Profa. Dra. Jaqueline Tittoni

Coorientadora: Profa. Dra. Simone Maria Hüning

PORTO ALEGRE – RS

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Aline Kelly da  
Memória e histórias na palma da mão: inscrições  
biográficas numa epistemologia feminista antirracista  
/ Aline Kelly da Silva. -- 2023.  
125 f.  
Orientador: Jaqueline TITTONI.

Coorientador: Simone Maria HÜNING.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Programa de  
Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional,  
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Memória. 2. Inscrições biográficas. 3.  
Feminismos. 4. Políticas de escrita. I. TITTONI,  
Jaqueline, orient. II. HÜNING, Simone Maria,  
coorient. III. Título.

ALINE KELLY DA SILVA

Memória e histórias na palma da mão: inscrições biográficas numa epistemologia  
feminista antirracista

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Jaqueline Tittoni (Presidente - Orientadora)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Simone Maria Hüning (Coorientadora)  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

---

Profa. Dra. Míriam Cristiane Alves  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Profa. Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

Profa. Dra. Érika Cecília Soares Oliveira  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Profa. Dra. Jaileila de Araújo Menezes  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

## AGRADECIMENTOS

Chegar ao momento dos agradecimentos é prazeroso e leve. Penso em quem fez esta tese junto comigo, em quem me proporcionou condições para que ela se tornasse possível e no momento histórico em que escrevo. Certamente não darei conta de agradecer a todas as pessoas que contribuíram com meu percurso. Ainda assim, registro alguns agradecimentos, na esperança de que os encontros sigam na roda da vida a girar.

Agradeço à educação pública brasileira. Como bolsista que fui e sou, desde os tempos do ensino médio até a bolsa concedida pela CAPES nesses quatro anos de doutorado. Quero concluir esse momento ressaltando que meu trabalho faz mais sentido quando me recordo de que sou fruto do sistema público de ensino, gratuito e de qualidade. Por isso, agradeço a todas as professoras e professores que passaram pela minha vida.

Agradeço à minha família, majoritariamente formada por mulheres que fazem o riso emergir em perspectiva: Adelina, minha mãe, Amanda e Ayane, minhas irmãs, Bernardina Maria, minha avó, Edilson José, meu pai, e José Firmino, meu avô (*in memoriam*). Por todo o amparo, suporte, incentivo e amor nutrido entre nós.

Agradeço à Simone Hüning, pelos anos de orientação, amizade e parceria construída nesse percurso. Pelo tanto que me incentiva e aposta no meu caminhar. Minha gratidão pela confiança compartilhada nesse tempo.

Agradeço à Jaqueline TITTONI, pela orientação e acolhida cuidadosa, ética e sensível. Por todo o suporte oferecido e por me apontar que posso me livrar do peso de tentar ser escritora, leitora e crítica do meu próprio trabalho.

Agradeço às professoras Miriam Alves, Gislei Domingas e Érika Oliveira pelas contribuições feitas no momento da qualificação e por se disponibilizarem para compor a banca final. Agradeço também à professora Jaileila Menezes, por aceitar dialogar conosco nessa reta final. Obrigada a todas vocês, mulheres que me inspiram no exercício da docência. É uma alegria tê-las como banca de defesa e interlocutoras do meu trabalho.

À Marília Silveira, por todas as sugestões, dicas e pela parceria que também compôs esse tempo.

Agradeço a Leonardo Régis, Bruna Battistelli, Luciana Rodrigues, Thaís Gomes de Oliveira, Jéssyca Barcellos e Juliana Betat. De diferentes maneiras e em diferentes momentos, esse doutorado fez mais sentido graças a vocês. Choramos, rimos e seguimos.

Ao Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado. Obrigada a todas e todos por tornarem mais palpável o sentido do verbo *esperançar* no meu cotidiano.

Ao Grupo de Pesquisa Processos Culturais, Políticas e Modos de Subjetivação. Agradeço por fazerem parte da minha caminhada me proporcionando constantes ensinamentos e boas trocas. Depois de voltar a Maceió e me deparar com uma geração jovem e potente - diga-se também: ganhadora das excelências acadêmicas da vida - sinto que começo a me tornar uma senhorinha. E ok, adoro.

A todas e todos do Núcleo de Estudos em Imagem, Trabalho e Subjetividades (NEITS), agradeço pelas partilhas, trocas e contribuições, mesmo quando estive distanciada. Gratidão por me possibilitarem estar com vocês da maneira como foi possível.

À Thiele Castro, pela acolhida, pelo companheirismo, generosidade e pelas boas risadas em confidências. Como fez diferença encontrá-la nesse doutorado. Sou grata!

À Marilu Goulart, pelas nossas trocas e parcerias. Levo muito carinho por essa baita mulher e trabalhadora que instiga o pensamento crítico pautado no diálogo honesto.

À Letícia Campos, amizade que foi e vai se conjugando no tempo presente. Obrigada pela confiança das partilhas nos nossos papos virtuais, postagens e escritas.

Agradeço à secretaria do PPGPSI, sobretudo ao Israel Aquino, com quem resolvi boa parte da vida de doutoranda nesses quatro anos. É impossível passar por esse programa de pós-graduação sem saber que, a qualquer dúvida, problema ou solicitação que surja, a gente recorre logo ao Israel, que atende de maneira competente e solícita.

À Isabelle Gonçalves e Laura Martins, por terem sido parceiras de moradia em Porto Alegre, com tudo o que isso envolve. Conflitos, raivas, companheirismo, almoços de finais de semana e momentos alegres.

À turma querida do forró e do pagode aos sábados, nas andanças de um mundo anterior à pandemia, ali pelos idos de 2019. Especialmente à Rose, Jana, Luciano e Willian.

Agradeço ao meu ‘clubinho’ de amizades maceioenses, ou aos diferentes clubinhos reunidos aqui, por tornarem a minha vida muito melhor. Estão para além do tempo de doutorado e, por isso mesmo, muito presentes nele: Rosana Aleluia, Renata Laureano, Ana Luísa Cataldo, Igor Rafael Rocha, Gláucia Pricila, Ana Stela da Silva, Thiago da Silva, Zezé Llanos, Joel Llanos, Alisson Vieira e Pauliana Greyce Bento.

Agradeço ao Alisson Vieira pelas leituras atentas, pelas contribuições feitas e, principalmente, pela partilha da amizade.

Agradeço à Pauliana Bento, pelas horas intermináveis de conversas e problemáticas que nós mesmas criamos para prolongar as conversas. Obrigada pela amizade e torcida. Por me oferecer uma ótima recomendação quando disse: pegue sua bike e vá viver!

## RESUMO

De que maneira inscrições biográficas podem ser estratégias de produção de conhecimento em psicologia social? Esta é a pergunta que se faz nesta tese. Parto do conceito de memória elaborado por Silvia Cusicanqui, com o objetivo de narrar histórias produzidas em encontros com jovens em socioeducação e, posteriormente, com mulheres negras estudantes de programas de pós-graduação em universidades do sul do Brasil, para discutir sobre violências de sexismo e racismo. Há uma combinação entre o real e o ficcional nas histórias na palma da mão - que cabem na palma da mão e que carrego ao longo da minha jornada. Com base nessas histórias, aponto a necessidade de produzir alianças com masculinidades não violentas, a partir de autoras como bell hooks e Françoise Vergès. Ao discutir histórias sobre racismo em espaços acadêmicos, destaco algumas estratégias para lidar com violências. Ressalto a importância das comunidades amorosas e práticas de autorrecuperação entre mulheres negras. Por fim, discuto utopias do presente: políticas do sonho, da imaginação e do sossego. Proponho pensarmos as inscrições biográficas como uma epistemologia feminista antirracista, que concebe a experiência como uma condição para a teorização. As inscrições biográficas vão além da dimensão individual, pois permitem coletivizar e politizar experiências de mulheres negras. Quando falo em inscrição biográfica, entendo que existem especificidades em relação a uma biografia no sentido comum do termo, pois narro histórias relacionadas aos objetivos da tese, por vezes disruptivas e descontínuas. Não sigo um fio cronológico de modo a contar uma certa totalidade da minha história, mas recolho da memória acontecimentos, cenas e histórias situadas em uma política feminista de escrita e vida.

**Palavras-chave:** memória; inscrições biográficas; feminismos; políticas de escrita.

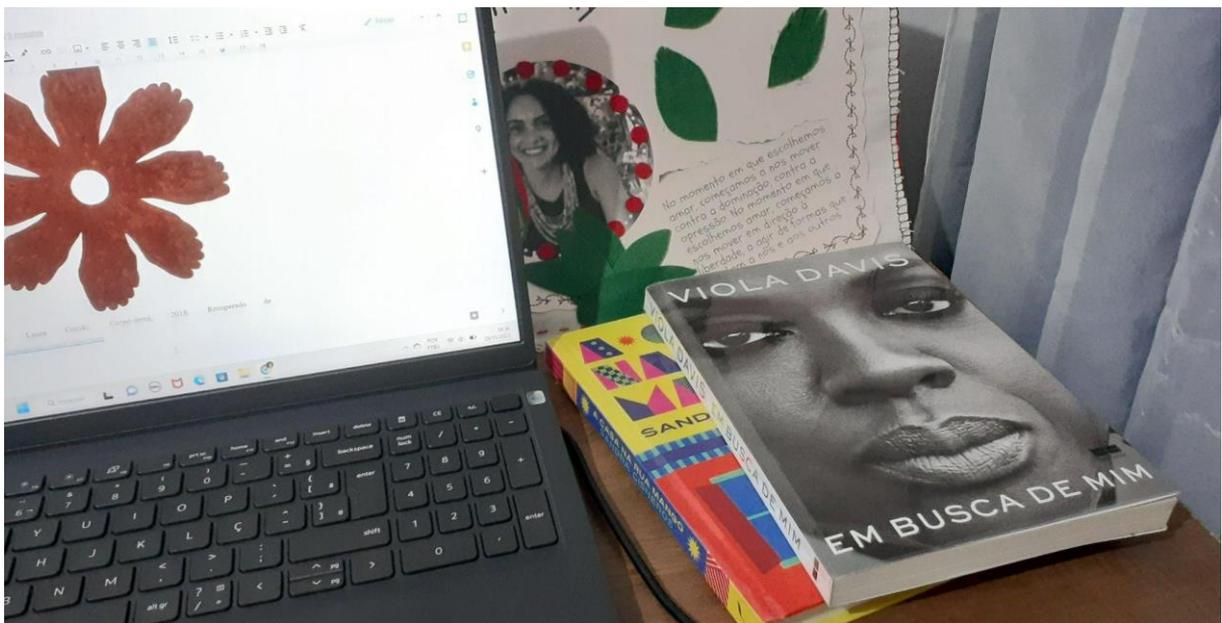
## **ABSTRACT**

In what way can biographical inscriptions be taken as strategies of knowledge production in social psychology? This is the question posed in this thesis. Drawing on the concept of memory elaborated by Silvia Cusicanqui, aiming to narrate stories produced in meetings with young people in socio-educational measures and, later, with black women in post-graduate programs in Southern Brazil universities, to discuss sexism and racism violence. There is a combination between reality and fiction in the stories in the palm of the hand – that fit in the palm of the hand and that I carry throughout my journey. Based in these stories, I point out the need of building alliances with non-violent masculinities, drawing on authors such as bell hooks and Françoise Vergès. When discussing stories about racism in academic spaces, I point out some strategies to deal with violences. I highlight the importance of loving communities and self-recovering practices to black women. Finally, I discuss present utopias: dream, imagination and tranquility politics. I propose thinking about biographical inscriptions as a condition for theorization. Biographical inscriptions go beyond the individual scope, since they allow us to collectivize and politicize black women's experience. When I talk about biographical inscription, I understand that there are specificities in relation to a biography in the common sense of the term, as I narrate stories related to the objectives of the thesis, sometimes disruptive and discontinuous. I do not follow a chronological thread in order to tell a certain totality of my story, but I collect from memory events, scenes and stories situated in a feminist policy of writing and life.

**Keywords:** memory; biographical inscriptions; feminisms; writing policies.

## SUMÁRIO

<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	22
<i>REFERÊNCIAS</i>	24



Fonte: Arquivo pessoal

**“A dor não presta  
Felicidade, sim**

**O sol ensolarará a estrada dela  
A lua alumiará o mar  
A vida é bela  
O sol, estrada amarela  
E as ondas, as ondas, as ondas, as ondas**

**Bambeia  
Cambaleia  
É dura na queda  
Custa a cair em si  
Largou a família  
Bebeu veneno  
E vai morrer de rir**

**Vagueia  
Devaneia  
Já apanhou à beça  
Mas para quem sabe olhar  
A flor também é  
Ferida aberta  
E não se vê chorar**

**O sol ensolarará a estrada dela  
A lua alumiará o mar**

**A vida é bela  
O sol, estrada amarela  
E as ondas, as ondas, as ondas, as ondas”**

**Canção: Dura na queda  
Intérprete: Elza Soares  
Compositor: Francisco Buarque de Hollanda**

A melhor maneira que encontrei para começar foi chamar a tese para dentro da tese. As composições de pensamento, palavra-imagem, anunciam o transbordamento da vida na tese. Ou da tese na vida. Fui buscar a fotografia no meu celular, enquanto escrevo numa noite de domingo, dia 05 de fevereiro de 2023, o dia em que Viola Davis ganhou o prêmio de melhor narração de audiobook. Com isso, ingressou no seleto grupo de EGOTs: acrônimo de Emmy, Grammy, Oscar e Tony Awards, as quatro principais premiações da indústria cultural estadunidense. Além do livro de Viola e da imagem de Laura Gorski, a fotografia mostra um artefato que ganhei de presente de Simone, feito por Viviane Rodrigues, intelectual negra, artesã e colega de grupo de pesquisa. Há uma citação de bell hooks junto a uma fotografia com meu nome.

Já a música cantada por Elza Soares é a mesma que postei numa rede social em comemoração ao prêmio de Viola Davis. A música de Elza celebra a vida, para além da dor - ferida aberta -, e nunca é demais lembrar a grandiosidade da mulher do fim do mundo. Uma inspiração de mulher que transgrediu barreiras sociais e uma inspiração para esta tese. Um amigo meu, chamado Alisson Vieira, que volta e meia perguntava quando eu terminaria a tese, me dizia entre risos: ‘parece que essa vai ser a tese do fim do mundo’. Não sei se é a tese do fim do mundo. Com Ailton Krenak (2019), aprendi que o mundo já acabou diversas vezes para as comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhas. Ele acabou e nós estamos inventando outros começos, finais e recomeços. Afinal, somos duras na queda e sabemos nos reerguer.

## SEREIA DE ÁGUAS DOCES E SALGADAS

Maceió é uma sereia de muitas águas. Miríade de histórias, repleta de contradições: casas suntuosas ao redor de barracos, encostas e grotas. *Resorts* e destinos paradisíacos privatizados contrastam com a pobreza e com a Faixa de Gaza, como escutei certa vez o poeta Rogério Dias nomear territórios onde corpos pretos e jovens morrem diariamente de morte matada. Não era sobre a Palestina, mas sim sobre a Vila Brejal que ele falava.

O cheiro das iguarias servidas nos restaurantes luxuosos dos litorais se avizinha com o cheiro da fome e esgoto a céu aberto, assim como o belo pôr do sol no Mirante da Chã de Bebedouro desassemelha-se às vielas sem saneamento. Eu ando por aí navegando nos becos que moram em mim, pois eles se fundem e vão grudando a memória da cidade no meu corpo. Cidade dos *reggaes* nas quebradas. Becos, esquinas e correntezas traduzem histórias que vão comigo nas linhas a percorrer. Maceió de muitas quebradas!

Cindida em parte alta e parte baixa para demarcar que aqui são universos distintos disputando existência e se constituindo mutuamente. Somente um, todavia, aparecendo nos cartões-postais. Paisagens de águas azul-esverdeadas formando uma faixa finíssima entre a espuma nos pés de banhistas e a lama de esgoto que escorre negras línguas. Já a Faixa de Gaza multiplica-se em outras periferias, das quais toda manhã cedo boa parte de sua gente se desloca para o trabalho em ônibus lotados. No 602, vai minha mãe em quase duas horas de condução até a casa da patroa.

As ruas têm a cadência das rodas de coco, dos cantos de pastoril e guerreiro. Terra marcada pelo peso da escravidão, do racismo religioso e das oligarquias, mas nem por isso perde a capacidade de aquilombar e resistir. Alagoas é o que se ama e o que dói, como disse o historiador Dirceu Lindoso (1981). Conheço as palmas de suas mãos caetés e quilombolas. Reconheço camadas soterradas do que há em mim quando demoro o olhar em ti.

Quando demoro o olhar em ti, vejo minha mãe, Adelina Maria da Silva, em uma manhã de agosto. Uma mulher branca a recebe para fazer faxina em sua casa pela primeira vez e lhe diz: ‘Mas você nem tem cara de quem vem trabalhar pra gente. Você tem cara de patroinha.’ Ouço minha mãe contar sobre o susto da patroa por sua pele ser clara. Por muito tempo, ignoramos o modo como as desigualdades raciais articulam-se com outras

desigualdades e nos posicionam na trama social atravessada de uma ponta à outra do país pelo mito da democracia racial. Esse estranhamento da cor da pele da minha mãe, diarista e moradora do bairro da Santa Lúcia, na chamada parte alta da cidade, diz sobre a impossibilidade de ignorar essas questões.

## **CIDADE-APARTHEID**

Sou nômade em Porto Alegre, corpo estrangeiro, estou sempre de passagem. Cidade de ocupação das ruas e dos espaços públicos, seja para tomar sol no inverno, seja pelas lutas sociais e protestos que tomam as vias públicas como arena de confronto e visibilidade. Aqui me movimento atenta aos mínimos gestos. Meu corpo negro é olhado numa modulação política das violências e afetos. Não há trégua em ser quem sou. Depois da epiderme, é minha voz que chega e ativa imaginários sobre o local de onde venho.

Porto, de idas e vindas, a cada vez que retorno você parece diferente. A movimentação em toda a sua intensidade me mostra uma cidade que se abre em outras cidades. É assim quando adentro a Lomba do Pinheiro e, além de sentir dois graus de temperatura sempre abaixo de Santa Cecília, me deparo com lógicas e territórios diversos. A primeira vez em que estive na Quinta do Portal, localizada na Lomba do Pinheiro, se desfez a ideia abstrata que eu tinha de que não havia chão de barro, esgoto a céu aberto e pobreza na cidade. O Centro com seus prédios militares a poucos quilômetros da noite boêmia. O ar bucólico da zona sul. Sento-me em frente ao Guaíba para me desfazer dos cansaços sob a brisa e o pôr do sol, cujo alaranjado testemunhou sorrisos, choros e conversas. A Usina do Gasômetro fechada para reforma, a orla com sua modernização *gourmet*. No que tem se transformado a cidade? Não sei ao certo. Como disse antes, sou um corpo nômade.

Perto da Estrada Afonso Lourenço Mariante, na chegada à Vila<sup>1</sup> Quinta do Portal, há uma região de mata em que avisto ruínas de uma senzala com restos de um tronco e uma gaiola de ferro onde escravizadas(os) foram aprisionadas(os). Me disseram e eu ouvi e depois também li, parafraseando Jarid Arraes (2019), que ali houvera também um cofre

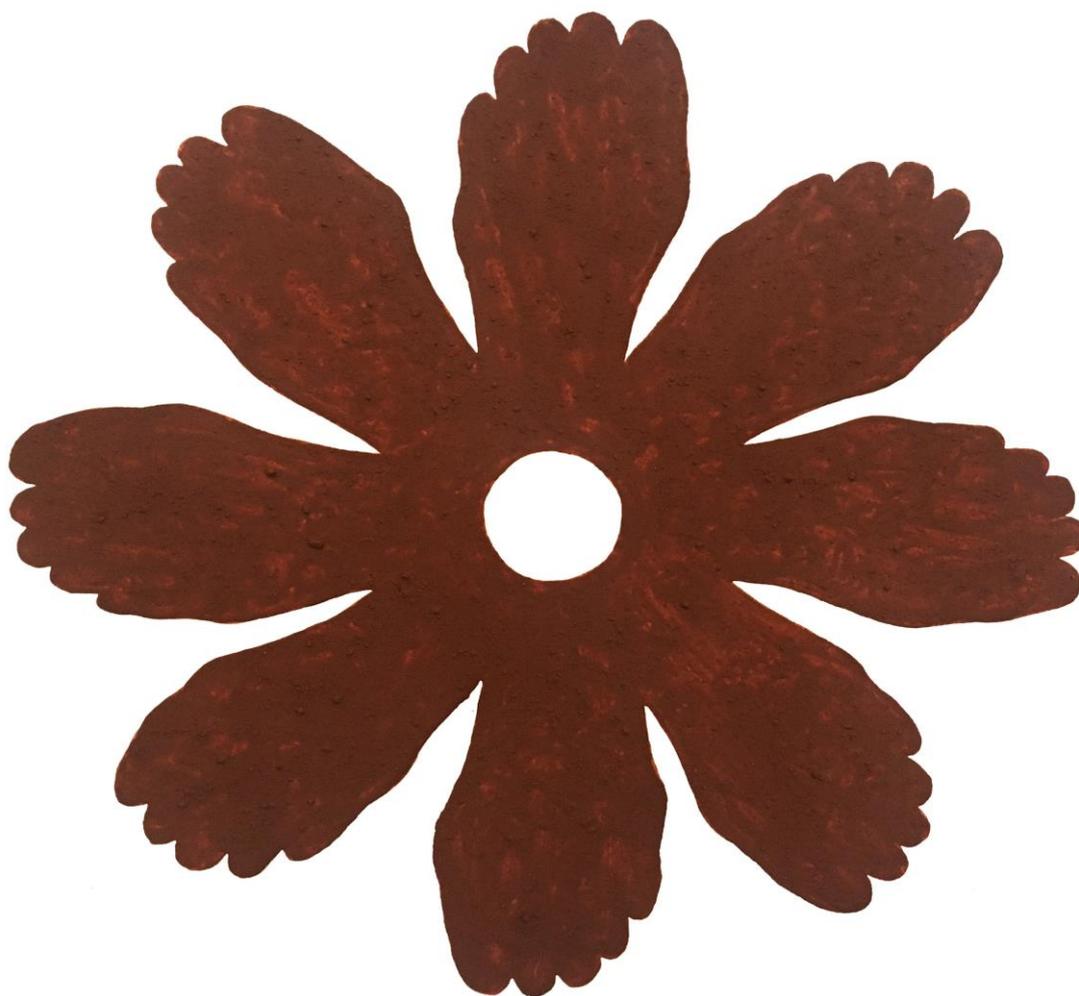
---

<sup>1</sup> Vila é uma expressão comumente utilizada em Porto Alegre para fazer referência a territórios pauperizados e regiões favelizadas da cidade.

com documentos de compra e venda de escravizados/as. Memórias da escravização latejam pela cidade. É também em Porto Alegre que sinto pela primeira vez no meu corpo o peso dos olhares, piadas e falas de um racismo velado em diferentes locais da cidade. Uma colega chamada Jéssyca da Rosa Santos Barcellos havia me alertado numa conversa que tivemos no saguão do Instituto de Psicologia que, por eu ter a pele parda, talvez não fosse vista como negra em outros lugares, mas em Porto Alegre sim. Bastaria estar na rua depois das oito da noite para sentir como é ser mulher negra numa cidade cuja lógica reproduz *apartheid*. Não pude esquecer as palavras e o alerta cuidadoso dessa colega, pois esse foi o momento em que realmente me percebi e passei a me reconhecer como negra.

***“Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz”***

(Provérbio zambeziano,  
citado por Pauline Chiziane, no livro *Niketche: uma história de poligamia*)



Autoria: Laura Gorski. *Corpo-terra*, 2019. Recuperado de <https://lauragorski.com/Corpo-terra>

A matéria primordial de que esta tese é feita são os encontros. Aqui um breve encontro meu com a obra da escritora Paulina Chiziane e com a artista Laura Gorski. Corpo-terra. A obra de Laura Gorski, produzida de modo artesanal utilizando terra sobre papel, me toca porque me faz pensar na ligação da humanidade com a terra, o ar, os microrganismos e o cosmos. No momento em que escrevo, a pandemia de COVID-19 coloca diante de nossos olhos aquilo que o capitalismo tenta obliterar: o nosso pertencimento à terra, na vida e na morte. Já o livro de Paulina Chiziane me faz pensar na urgente necessidade de uma consciência feminista para não sucumbir ao heteropatriarcado. Leva-me à potência da dança e dos rituais africanos, de um corpo-memória capaz de recriar a si nas relações e instaurar subversões com e entre mulheres.

As promessas de progresso, feitas em nome da modernidade, são ficções próprias do colonialismo. Uma vez que esse progresso almejado somente se torna possível sob uma concepção utilitarista da vida, ele contraria um bem viver pautado na inseparabilidade entre seres que habitam o cosmos, nos modos de organização comunitária, com pés e mãos ligados à terra. É por não acreditarmos nas promessas da razão moderna que apostamos em modos de produzir conhecimento a partir da artesanaria da vida.

Pode a ciência ocupar-se, então, da artesanaria da vida? Esta pesquisa é sobre artesanaria e potências coletivas. Narrarei o modo pelo qual movo meus pés nessa direção ao longo da escrita. Por enquanto, há um convite a você para seguir junto no caminhar. Alguns trechos podem ser íngremes e áridos. Outros talvez sejam refrescantes e amenos. De qualquer maneira, trata-se de um percurso *sentipensante*, inspirado na epistemologia proposta por Silvia Cusicanqui, em que corpo e memória são coproduzidos no friccionar de encontros. Conhecimento *sentipensante* é aquele que considera o coração como núcleo epistêmico e ontológico do pensamento e da ação política, tanto quanto a razão. O sociólogo colombiano Fals Borda cunhou esse conceito a partir dos povos ribeirinhos da costa atlântica colombiana, ao escutar essa expressão durante o diálogo com um pescador. Fals Borda enfatiza o coração como âmago das epistemologias de povos latino-americanos e caribenhos (Barbosa, 2019).

Para produzir um conhecimento *sentipensante*, tomo a escrita como uma máquina de lentidão que possibilita conceber o tempo como pássaro em pleno voo e empreender tentativas de aliviar a alma do choque da velocidade, lançando a sonda do pensamento

para produzir uma narração sobre os acontecimentos. Inspirada por Vivian Abenshushan (2013), me demoro em alguns acontecimentos, evitando a velocidade e buscando a lentidão das coisas, o decantar de uma experiência que será narrada pelos rastros em movimento na memória. Busco a lentidão, pois, como afirma a autora, a angústia da velocidade nos leva a uma renúncia radical da vida e ao esquecimento do ser. Para não me resignar ao anestesiamento diante da vida, da morte e do luto, escrevo. Em um momento político e histórico questionador das possibilidades de elaboração da dor e do luto, escrevo. Escrevo contra o relógio não para correr contra o tempo, mas sim para abandonar a cronometrização do tempo e da vida. Escrevo, ainda, movida pela vontade de gritar como se somente os pulmões pudessem salvar (Oliveira, Rocha, Moreira & Hüning, 2019).

A diminuição do ritmo frenético da cidade, desacelerando corpos e lógicas perturbadoras, acompanhou-me durante os anos de 2020 e 2021. Não somente me questioneei sobre estar num curso de doutorado numa universidade pública federal, que sofre constantes ataques ao conhecimento científico por uma racionalidade mortífera que ostenta ódio à ciência e ode à ignorância, como também passei muitos momentos sentindo as variações e desestabilizações do tempo no qual pesquiso. Processo necessário para possibilitar deslocamentos entre Porto Alegre e Maceió, entre o que se passa e o que se passou, buscando prestar atenção àquilo que os resíduos e restos podem dizer para contar histórias que, de outro modo, talvez não fossem narradas.

Assim, aposto na escrita como máquina de lentidão, “um artefato lento, até mesmo vagaroso, parecido a uma bicicleta ou a um pesado moinho, em que a velocidade seria finalmente domesticada” (Abenshushan, 2013, p. 20). Gostaria de uma máquina de lentidão similar à gambiarra construída por Marquim da Tropa no documentário “*Branco sai, preto fica*”, de Adirley Queirós. Uma bomba cultural cuidadosamente arquitetada para explodir no momento certo e surtir abalos na estrutura de indiferença à violência racial. Inspirada ainda nessa autora, tomo a escrita como uma bicicleta silenciosa e lenta percorrendo as avenidas da noite na contramão. Indo em direção contrária aos fluxos estabelecidos, busco uma escrita despreendida do excesso de velocidade ensurdecidor. No ensaio de Vivian Abenshushan (2013), encontro pistas metodológicas para uma escrita como máquina de lentidão: a) a digressão como recurso que multiplica o tempo no interior de uma obra, b) amplificar quinze minutos ou um par de horas, c) fazer recuar uma trama

cada vez que ela avança, d) encontrar formas de não ser pontual, e) olhar os detalhes acidentais em câmera lenta, f) interrogar, mesmo se não houver tempo para fazê-lo, g) mover-se entre as coisas como um molusco, h) escrever às margens, questionando os próprios fundamentos.

A tese organiza-se em quatro capítulos, sendo que o primeiro aborda alguns deslocamentos durante o processo de pesquisa, a partir de três movimentos de emergência para um pesquisar biográfico. Os encontros e rastros da socioeducação falam sobre aproximações com as políticas públicas socioeducativas em Maceió e Porto Alegre. O segundo movimento aconteceu num deslocamento das políticas públicas estatais para um acompanhar e narrar como jovens mulheres negras produzem insurgências a partir de performances entre arte e cultura. Nesse momento, me aproximei do *poetry slam* com uma aposta de que, unindo poesia e performance corporal, jovens negras subvertem a língua colonizadora e reinscrevem suas existências nos territórios urbanos. Devido à pandemia e a questões éticas que se apresentavam de modo urgente, essa proposta não seguiu adiante. Logo depois, como terceiro movimento de pesquisa, passamos às possibilidades de um narrar a si, enquanto mulher que se constitui como negra e feminista ao formar rede com outras mulheres negras no percurso de formação. Ainda nesse capítulo, apresento os principais referenciais teóricos e epistemológicos que dão sustentação à questão-problema da tese, a respeito da memória e das inscrições biográficas como uma produção de conhecimento situada numa epistemologia feminista antirracista.

Interrogando de que modo podemos tomar as inscrições biográficas como produção de conhecimento em psicologia social, a tese objetiva narrar histórias produzidas nos encontros com jovens em socioeducação e, posteriormente, com mulheres negras em espaços acadêmicos, para discutir como lidamos com violências de sexismo e racismo. Outrora, eu questionava como romper com experiências de violência e depois me dei conta de que não sei se necessariamente rompemos no sentido de superá-las, mas penso que criamos modos de lidar com as violências e fortalecer nossas redes feministas. A partir desse objetivo geral, desdobraram-se especificamente: a) situar como a história colonial produz efeitos nos espaços acadêmicos; b) discutir a produção de memória e autorrecuperação a partir de histórias trazidas na palma da mão; c) problematizar tensionamentos e reinvenções da existência entre mulheres negras no contemporâneo.

No capítulo 2, narro histórias que emergiram nos encontros com João, Felipe, Renato, Gabriel, Lucas e Ariel, todos nomes fictícios utilizados para referir-me a jovens nos percursos pelas políticas públicas de atendimento socioeducativo. Além disso, trago outra história em que abordo o sexismo e as possibilidades de se pensar alianças com homens dispostos a construir uma masculinidade não violenta, questionando as bases patriarcais que também produzem violência contra os próprios homens. O foco de discussão desse capítulo incide sobre como passo a me reconhecer como feminista negra e a me interessar pelo campo de estudos feministas a partir da discussão sobre masculinidades, raça e violência. Proponho-me a pensar que, ao mesmo tempo em que experienciamos violências patriarcais, existem possibilidades de alianças com masculinidades não violentas. Isso me conduz a um posicionamento que nomeio como não exclusivista, com base nas discussões empreendidas por bell hooks e Françoise Vergès.

O capítulo 3 amplia o catálogo de histórias na palma da mão, a partir das que foram ficcionalizadas em meus encontros com mulheres negras estudantes de programas de pós-graduação de universidades do sul do país. Nesse capítulo, as histórias buscam dar conta de experiências relacionadas a violências e conflitos raciais. Nele a discussão se faz a partir da universidade como instituição colonial que ainda reproduz políticas de dominação. Discuto inicialmente a crítica de Ramón Grosfoguel às universidades ocidentalizadas, imbricadas com a produção de epistemicídios. Posteriormente, aponto a crítica de Silvia Cusicanqui a perspectivas como a do próprio Ramón Grosfoguel e outros autores pós-coloniais e de(s)coloniais, por apontar para uma necessária descolonização intelectual e uma produção de conhecimento situada em Abya Ayala, em língua ameríndia e amefricana, como defendeu Lélia Gonzalez (1988).

Ao adotar como principal referencial teórico-epistemológico a obra de Silvia Cusicanqui, noto aproximações entre epistemologias negras e indígenas, algo que diz sobre a constituição histórica brasileira e sobre formas de produzir conhecimento atentas às questões latinoamericanas. Embora eu também estabeleça diálogos com feministas negras estadunidenses e outras autoras(es), a obra de Silvia Cusicanqui é que possibilitou chegar ao coração da tese: o conceito de memória em sua articulação com as histórias na palma da mão e a proposição das inscrições biográficas como uma estratégia de pesquisa situada nas epistemologias feministas antirracistas.

Ainda no capítulo 3 aponto algumas estratégias pelas quais escapamos às violências instituídas e ressalto o escape e a fuga como reatualizações da marronagem no contemporâneo. Isso por considerar necessário abdicar de juízos de valor sobre a palavra fuga e assumi-la como condição de invenção da existência. Nesse sentido, aponto no capítulo final, a importância de formarmos comunidades amorosas e práticas de autorrecuperação entre mulheres negras. Além disso, colocamos os pés em direção a utopias criativas no presente e apostamos nas políticas do sonho, da imaginação e do sossego.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese tratou de como mulheres negras forjam escapes e estratégias de invenção criativa de existência para lidar com as políticas de dominação da supremacia branca heteropatriarcal. Numa perspectiva de pesquisa *sentipensante*, desde a epistemologia *ch'ixi* proposta por Silvia Cusicanqui, abordei como o conceito de memória remete a temporalidades múltiplas, entre passado, presente e futuro. Tomei a escrita como uma máquina de lentidão para narrar acontecimentos não lineares, fluxos espirais de experiência a partir do que chamei - com inspiração em Yasunari Kawabata, Sandra Cisneros e Jarid Arraes -, de histórias na palma da mão, cujos fios possibilitaram apostar em um tecido feminino de histórias que transitam entre violências e potências da marronagem, da formação de comunidades e da autorrecuperação.

Narrei histórias produzidas nos encontros com jovens que passaram pelo sistema socioeducativo, por demarcarem memórias constitutivas do meu corpo como uma mulher negra. E me torno uma feminista negra a partir do interesse em discutir raça e racismo desde uma trajetória de intervenções com jovens negros. O que busquei nos encontros com tais jovens foi dar visibilidade às formas criativas de insurgências e à potência de suas vidas em contraponto à lógica estatal-colonial que, historicamente, relega suas existências ao abandono. Sair de uma análise voltada às vulnerabilidades e precarizações para atentar às insurgências micropolíticas do cotidiano consistiu em uma aposta ética e epistemológica que continuou a me inspirar nas mudanças da pesquisa ao longo do tempo.

No meio desse caminhar, a pandemia caiu feito meteoro, atravessando os rumos da pesquisa e da vida. Se ela obrigou a reconhecer a iminência do colapso de uma sociedade doente de velocidade e de progresso, também me possibilitou abrir camadas nos acontecimentos, dar um passo atrás e olhar com mais atenção para o que foi vivido nos movimentos de emergências para um pesquisar biográfico, o qual só se tornou possível pelo encontro com parceiras e companheiras negras.

Nesse sentido, as pequenas histórias que trouxe na palma da mão inscrevem-se em uma política de escrita comprometida com o caminhar na contramão da lógica de avanço e progresso, pois “a cada passo que nós damos nisso que foi entendido como progresso tecnológico, nós imediatamente devoramos alguma coisa por onde passamos” (Krenak, 2020, p. 9). Uma escrita, portanto, questionadora das certezas tramadas em nome do

progresso, do colonialismo e do desenvolvimento, pois tais ideais nos trouxeram ao tempo contemporâneo: à beira do abismo para ver o que nos tornamos e de qual humanidade se trata, afinal, quando afirmamos a vida como valor supremo da democracia. Nesse sentido, tomei a escrita como uma maneira de narrar um caminhar que se fez sinuoso e atento aos próprios recuos, resíduos e lampejos da memória, em tempos negacionistas nos quais redobramos forças contra políticas de esquecimento.

As histórias na palma da mão assinalam que as resistências de estudantes negras na universidade não devem ser reduzidas a enfrentamentos em terreno aberto, embora eles sejam fundamentais, mas sim pensadas como ativos movimentos de des-captura que fazem de nós um simulacro corrosivo diante das investidas coloniais. Deslizar, desaparecer, camuflar-se, fugir dos dispositivos hegemônicos de sujeição. Apostar nas redes tecidas entre mulheres negras para escutar, acolher e elaborar histórias. A ideia de resistência não nos basta, precisamos apostar na criação de utopias criativas como um ato de refúgio.

Destaco como contribuição principal da tese a proposição das inscrições biográficas como uma epistemologia feminista antirracista para a Psicologia Social. Elas ultrapassam a dimensão individual, na medida em que tornam possível coletivizar e politizar experiências de mulheres negras. Aqui as inscrições biográficas aliaram-se ao que chamamos anteriormente de um catálogo ou uma coleção feminista de histórias na palma da mão. Por isso, a escolha de operar com elas mesclando experiências partilhadas entre mulheres negras. Certamente, inscrições biográficas podem assumir outras formas de escritas, registros e articulações teóricas. Minha escolha foi operar com elas na interface com as histórias na palma da mão, que, por sua vez, remetem a uma estética da memória em seu caráter residual, lampejante e fraturado na composição de uma política de texto.

Com Jaileila Menezes, aprendi que nesses tempos de pandemia, em que se prolongam noites insones, perdemos um pouco da capacidade de dormir e sonhar. As violências coloniais também nos tiram o sono. Jaileila disse, certa vez, que precisamos de uma ética da insistência em contar histórias, como nossas mães e avós ensinaram, para fazer dormir e fazer sonhar. Um convite final que gostaria de deixar às mulheres, sobretudo às mulheres negras companheiras no caminhar: apostemos nas utopias criativas e escrevamos histórias para refazer o sono e os sonhos.

## REFERÊNCIAS

Abenshushan, Vivian (2013). *Notas sobre os doentes de velocidade*. Caderno de Leituras n. 105. Recuperado de [https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/05/cad105-vivian-abenshushan-notas\\_sobre\\_os\\_doentes\\_de\\_velocidade.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2020/05/cad105-vivian-abenshushan-notas_sobre_os_doentes_de_velocidade.pdf)

Accossatto, Romina (2017). Colonialismo interno y memoria colectiva: Aportes de Silvia Rivera Cusicanqui al estudio de los movimientos sociales y las identificaciones políticas. *Economía y Sociedad*, 21(36), p. 167-181.

Ahmed, Sara (2022). *Viver uma vida feminista*. São Paulo: Ubu Editora.

Arraes, Jarid (2019). *Redemoinho em dia quente*. Rio de Janeiro: Alfaguara.

Barbosa, Lia Pinheiro (2019). Estética da resistência: arte sentipensante e educação na práxis política indígena e camponesa latino-americana. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, 9(23), 29-62.

Bona, Dénètem Touam (2017). *heroic land: espectrografia da “fronteira”*. oficina de imaginação política.

Bona, Dénètem Touam (2020). *Cosmopoéticas do refúgio*. Florianópolis: Cultura e Barbárie.

Borges, Jorge Luis. O milagre secreto. Em: *Ficções*. Porto Alegre: Editora Globo, 1998.

Campos, Letícia Eli Pereira, Silva, Aline Kelly da (No prelo). Cá entre nós, fabulamos um corpo-memória. Em: Yasmin M. Silva, Marcos R. Mesquita; Simone Hüning (Orgs.). *Antirracismo cordial: das dinâmicas institucionais às alianças político-afetivas*. Maceió: EDUFAL.

Carneiro, Sueli (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro.

Chiziane, Paulina (2021). *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia de Bolso.

Cisneros, Sandra (2020). *A casa na Rua Mango*. Porto Alegre: Dublinense.

Collins, Patricia Hill (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), pp. 99-127. doi: 10.1590/S0102-69922016000100006

Collins, Patricia Hill (2019). *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo. (Originalmente publicado em 1990)

Conselho Gestor de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (2019). Prefeitura de Porto Alegre. *Ofício referente à redução das medidas socioeducativas*. Documento não publicado.

Conselho Gestor de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (2020). Prefeitura de Porto Alegre. *Ofício nº 01, de 17 de julho de 2020*. Documento não publicado.

Cusicanqui, Silvia Rivera (1984). *“Oprimidos pero no vencidos”: Luchas del campesinado aymara y qhechwa (1900-1980)*. La Paz, Hisbol.

Cusicanqui, Silvia Rivera (2010a). *Violencias (re) encubiertas em Bolivia*. La paz: Piedra rota.

Cusicanqui, Silvia Rivera (2010b). *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón.

Cusicanqui, Silvia Rivera (2015). *Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón.

Cusicanqui, Silvia Rivera (2018). *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires, Tinta Limón.

Davis, Viola (2022). *Em busca de mim*. Rio de Janeiro: BestSeller.

Davis, Angela (2019). *Angela Davis: uma autobiografia*. São Paulo: Boitempo. (Originalmente publicado em 1974).

Davis, Angela (2020). *Estarão as prisões obsoletas?* 5ª ed. Rio de Janeiro: Difel. (Originalmente publicado em 2003).

Emicida (2019). Principia. (Emicida, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário, Pastor Henrique Vieira). Em: *Amarelo*, faixa 1, Gravadora Sony Music.

Evaristo, Conceição (2005). Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. Em: Nadilza M. de Barros Moreira, & Liane Schneider (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária - UFPB. Recuperado de <https://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivenciade.html>

Evaristo, Conceição (2017). *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas.

Evaristo, Conceição (2018). A gente combinamos de não morrer. Em: *Olhos d'água*. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Pallas Míni.

Fanon, Franz (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. (Obra originalmente datada de 1952).

Figueiredo, Ângela, Grosfoguel, Ramon. (2009). Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo espaço universitário. *Sociedade e Cultura*, 2(3), 223-234.

Foucault, Michel. (2006). A vida dos homens infames. Em: M. Foucault. *Ditos e Escritos IV - Estratégia, Poder-Saber* (pp. 203-222). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Publicado originalmente em 1977).

Freire, Ida Mara (2014). Tecelãs da existência. *Revista Estudos Feministas*, 22(2), p. 565-584.

G1 Portal de Notícias. (2018). Bolsonaro diz que política de cotas é 'equivocada' e que política de combate ao preconceito é 'coitadismo'. *G1 Notícias*. Recuperado de <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/24/bolsonaro-diz-ser-contracotas-e-que-politica-de-combate-ao-preconceito-e-coitadismo.ghtml>

Genesini, Ana Paula, Lazzarotto, Gislei Domingas R., Tittoni, Jaqueline (2020). Arquivos de experiência: entre encontros narrativos com juventudes e as aventuras do trabalhar nas políticas públicas. *Conversas & Controvérsias*, 7(1), p. 1-13.

Gonzalez, Lélia (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244.

Gonzalez, Lélia (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, n. 92/93, p. 69-82.

Gonzalez, Lélia, Hasenbalg, Carlos (1983). *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero.

Grosfoguel, Ramón (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, 31(1), 25-49.

Hypeness (2022). *A história real das guerreiras Agojie comandadas por Viola Davis em 'A Mulher Rei*. Recuperado de <https://www.hypeness.com.br/2022/09/a-historia-real-das-guerreiras-agojie-comandadas-por-viola-davis-em-a-mulher-rei/>

hooks, bell (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1994).

hooks, bell (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante.

hooks, bell (2020a). *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante.

hooks, bell (2020b). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante.

hooks, bell (2021). *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Elefante.

hooks, bell (2022). *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. São Paulo: Elefante.

Hüning, Simone Maria, Oliveira, Érika. C. S, Rocha, Késia A, Silva, Aline Kelly da. (2021). Sobre burburinhos e desatinos: inscrições biográficas feministas nas escritas e epistemologias de pesquisa. Em: Flávia C. S. Lemos; Dolores Galindo; Pedro. P. G. Bicalho & João. P. P. Barros (Orgs.). *Formação em Psicologia Social e sociologias*

*insurgentes: tramas históricas em educação libertária* (pp. 113-130). v. 16. Curitiba: Editora CRV.

Hüning, Simone Maria, Silveira, Marília, Medeiros, Milena da Silva (No prelo). Uma carta de raiva e de amor. Em: Tatiana M. C. Souza, Érika C. S. Oliveira, Marcos R. Mesquita, Jaileila de A. Menezes (Orgs.). *Cartas feministas: psicologia em tempos de pandemia* (pp. 229-256). Maceió: EDUFAL.

Kilomba, Grada (2016). A máscara. *Caderno de Literatura em Tradução*, n. 16, 171-180.

Krenak, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, Ailton (2020). *Radicalmente vivos*. São Paulo: Editora O Lugar.

Lean, Analice (2017). *A ciranda das dores ou gritos de leões feridas*. Recuperado de <http://coletivovolante.blogspot.com/2017/12/inceleca-por-analice-lean.html>

Lindoso, Dirceu Acioly. *Uma cultura em questão: a alagoana*. Maceió: EDUFAL, 1981.

Marques, Danilo Luiz (2018). *Sob a sombra de Palmares: escravidão, memória e resistência na Alagoas oitocentista*. Tese (Doutorado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo.

Marras, Stelio (2018). Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 6, 250-266.

Mbembe, Achille (2017). *Políticas da inimizade*. Editora Antígona.

Mbembe, Achille (2018). *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições. (Originalmente publicado em 2013).

Mbembe, Achille (2020). *O direito universal à respiração*. Recuperado de <https://www.n-1edicoes.org/textos/53>.

Nascimento, Abdias do (1978). *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Paz e Terra.

Oliveira, Érika Cecília Soares, Bleinroth, Maria Laura Medeiros, Silva, Yasmin Maciane da, Amorim, Rayanne Caroline da Silva, Santos Júnior, José Cícero dos. (2020). Rastros e restos de Carolina Maria de Jesus. *Polis e Psique*, 10(3), 137-157.

Oliveira, Érika Cecília Soares, Rocha, Késia dos Anjos, Moreira, Lisandra Espíndula, Hüning, Simone Maria (2019). “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(n. esp.), 179-184.

Ratts, Alex (Org.) (2006). *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza e Imprensa Oficial.

Rodrigues, Luciana, Silva, Aline Kelly da (2021). Por uma política de escrita do cotidiano: enfrentamentos ao racismo e sexismo na academia. Em: Míriam Cristiane Alves, Alcione C. Alves (Orgs.). *Redes Intelectuais: epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas* (pp. 121-133). v. 3. Porto Alegre: Rede Unida.

Santos, Hamilton Borges dos (2019). *O livro preto de Ariel*. Salvador: Editora Reaja.

Supremo Tribunal Federal (2021, 11 de fevereiro). STF conclui que direito ao esquecimento é incompatível com a Constituição Federal. *Portal STF*. Recuperado de <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=460414&ori=1>

Torinelli, Michele (2018, 26 de abril). A experiência de uma sociologia que se tece por meio da paixão e do coletivo. *Brasil de Fato*. Recuperado de <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/26/a-experiencia-de-uma-sociologia-que-se-tece-por-meio-da-paixao-e-do-coletivo>

UOL Portal de Notícias (2022). Professor de Alagoas luta para salvar a memória do Quilombo dos Palmares. *UOL Notícias*. Recuperado de <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2022/08/15/professor-de-alagoas-luta-para-salvar-a-memoria-do-quilombo-dos-palmares.htm>

Vaz, Sérgio. *Colecionador de pedras*. São Paulo: Editora Global, 2007.

Vergès, Françoise (2020). *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Vergès, Françoise (2021). *Uma teoria feminista da violência: por uma política antirracista de proteção*. São Paulo: Ubu Editora.

Walker, Alice (2011). *Rompendo o silêncio: uma poeta diante do horror em Ruanda, no Congo Oriental e na Palestina/Israel*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Werneck, Jurema (2018). Introdução. Em: Conceição Evaristo. *Olhos d'água*. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Pallas Míni.